

**AFIRMAR
PORTUGAL
NO MUNDO**

LUÍS MARQUES MENDES

AFIRMAR
PORTUGAL
NO MUNDO

matéria·prima
edições 

© 2018, Luís Marques Mendes e Matéria-Prima Edições
Todos os direitos reservados
incluindo os direitos de reprodução total ou parcial em qualquer suporte.

Matéria-Prima Edições
Av. Miguel Bombarda, 42, 1.º C
1050-127 Lisboa
geral@mpedicoes.com
www.materiaprimaedicoes.com

Título: *Afirmar Portugal no Mundo*
Autor: Luís Marques Mendes
Revisão: Matéria-Prima Edições
Paginação: Gráfica 99
Capa: António Pinto/Matéria-Prima Edições

Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
1.ª edição: Novembro de 2018
ISBN: 978-989-769-146-1
Depósito legal: xxx xxx/18

*À minha mulher, Sofia,
aos meus três filhos, João, Ana e Miguel,
e à minha neta, Mafalda.
As mais-valias da minha vida.*

Índice

PREFÁCIO – MARCELO REBELO DE SOUSA	11
INTRODUÇÃO – AFIRMAR PORTUGAL NO MUNDO	15
I. TER AMBIÇÃO	37
II. SER CAPAZ DE EXECUTAR	49
III. SABER CRIAR PONTES	61
IV. PENSAR FORA DA CAIXA	77
V. DAR CONTINUIDADE	93
VI. RECONHECER A FORÇA DA DIÁSPORA	105
VII. A OPORTUNIDADE	117
ANÍBAL CAVACO SILVA	133
JORGE SAMPAIO	143
AGRADECIMENTOS	147

PREFÁCIO

Marcelo Rebelo de Sousa

A presente obra permite dar expressão acrescida ao que constitui a nossa vocação histórica, hoje mais atual do que nunca: o sermos uma plataforma singular entre culturas, civilizações, oceanos e continentes.

Vocação histórica, digo bem, porque nos acompanha desde os primórdios da Nacionalidade.

Representa mesmo a ideia para Portugal recorrentemente procurada, como se não decorresse da própria natureza de uma vivência multiseccular

E é essa vocação que atravessa o elucidativo testemunho do autor – o Senhor Dr. Luís Marques Mendes – e os enriquecedores posfácios dos Senhores Presidentes Aníbal Cavaco Silva e Jorge Sampaio.

A obra, no entanto, é mais do que um justo sublinhado da nossa vocação ancestral.

Traz consigo, também, o depoimento, insubstituível, do criador da RTP-Internacional, esse marco único da nossa presença televisiva universal.

Há decisões políticas que, pela sua relevância, só podem ser tomadas com o apoio inequívoco do Chefe do Governo.

Assim aconteceu com a retratada nas páginas que se seguem.

Mas, há sempre nelas um autor efetivo, que analisa o contacto envolvente, diagnostica a realidade, define o conceito e promove a sua concretização.

E esse autor efetivo é o mesmo desta obra – chama-se Luís Marques Mendes.

Por isso, só ele poderia contar a história de uma decisão que fez História.

Quem, como eu, nos anos 90, percorreu os países irmãos na língua a ensinar Direito, Ciência Política ou Administração Pública, e conviveu com comunidades portuguesas espalhadas pelo Mundo, em missões educativas, culturais, sociais ou políticas, pode confirmar, com mil episódios impressionantes, a mudança radical que a criação da RTP-Internacional veio corporizar.

Como não recordar a religiosa atenção às notícias de Portugal, o incansável entusiasmo com as reportagens das terras de raízes, a genuína alegria com os programas de entretenimento, a quase doentia dependência dos desafios de futebol...

Mas, é preciso ter vivido momentos desses, em particular, nos tempos do arranque, para se compreender

com toda a sua extensão como Portugal ficou muito mais perto dos seus e dos irmãos de destino.

Esses instantes inesquecíveis foram possíveis por causa de um projeto e de uma equipa que teve um líder. Aqui e agora, mais de vinte e cinco anos volvidos, manifestar-lhe o devido reconhecimento é cumprir um imperativo de consciência.

Claro que o mundo é outro, como Portugal outro é.

E que reformular o que nasceu em tempos muito diversos e, entretanto, já mereceu adaptação de percurso, é tarefa urgente.

Para a qual, aliás, o criador do projeto-matriz avança com propostas concretas, claras e sugestivas.

Mas, não é esse o desiderato cimeiro deste “Afirmar Portugal no Mundo”.

Ele nasce para evocar a saga iniciada em 1992, explicando-a, rememorando-a, celebrando-a, com o desvelo e a saudade que só a paternidade autoriza.

Como cidadão, acompanho a paixão da aventura vivida.

Como Presidente da República, agradeço-a pelo inestimável serviço prestado a Portugal!

INTRODUÇÃO

Afirmar Portugal no Mundo

Criada há pouco mais de um quarto de século, a RTP Internacional coexiste hoje com centenas de vários outros canais, que prosseguem idênticas finalidades, numa banalização do fenómeno televisivo que é actualmente a marca identitária da globalização do audiovisual. Mas, em 1992, quando nasceu, era uma das dez televisões de todo o mundo com cobertura universal, ostentando, então, um estatuto altamente qualificado e terminando com uma injustiça que, durante anos, o país acumulara em relação à sua diáspora: a do seu esquecimento no que respeita a informação e comunicação. Esta realidade, só por si, já justificava amplamente que se fizesse uma espécie de biografia da RTP Internacional.

Só que este livro é muito mais do que isso. A criação da RTP Internacional – e a forma como foi pensada, decidida, implementada – abre-nos a oportunidade de reflectir sobre as nossas potencialidades, as nossas ambições e os nossos desafios. A começar, desde logo,

pelos desafios de Portugal perante o fenómeno da globalização.

Um país pequeno como Portugal só tem a ganhar com a globalização. Primeiro, porque deixa de ser um país periférico. À escala global, estamos no centro e não na periferia. Depois, porque passa a ter um mercado alargado e concorrencial. Sem a globalização estávamos condenados a um mercado reduzido e pouco competitivo. Em terceiro lugar, porque a globalização favorece uma forte internacionalização da nossa economia, seja por via das exportações, seja por via da fixação de empresas noutras paragens. Em quarto lugar, porque cria condições para afirmar a nossa sociedade como mais cosmopolita e aberta, mais pujante e inovadora. Finalmente, porque o fenómeno da globalização gera os condimentos indispensáveis para reforçar o universalismo da nossa cultura, permitindo-lhe o cruzamento com outras culturas e civilizações.

Claro que, no quadro da globalização, nem tudo são rosas. Com a economia global temos mais concorrência e mais concorrência requer mais competitividade, inovação e produtividade. Claro que um mundo sem barreiras nem fronteiras não é um mundo de avenida com sentido único, o que requer da nossa parte preparação adequada para o confronto com os que entram à procura do nosso espaço. Obviamente, a ausência de eficazes

mecanismos de regulação internacional da globalização gera problemas e cria sérias dificuldades. Surgem exageros e perversidades que é preciso saber enfrentar. Numa palavra: a globalização exige uma economia mais forte, uma sociedade mais robusta, um Estado mais eficiente e sistemas sociais mais solidários e sustentáveis para não deixarem cair na pobreza os excluídos e marginalizados da sociedade. Mas esse é o desafio certo que podemos e devemos enfrentar.

Para alguns – os mais cépticos ou pessimistas –, a globalização comporta riscos ainda mais sérios, sendo que o maior de todos é o da dificuldade de afirmação da identidade de um povo e de uma nação.

De facto, a globalização tende a diluir identidades. Afinal, com o fenómeno global atenuam-se as diferenças, potenciam-se as semelhanças e a individualidade cede perante a exigência da normalização.

Mas aqui, particularmente aqui, Portugal nada tem a temer. Afinal, temos uma identidade forte e indestrutível; uma história multissecular; fronteiras bem definidas e estáveis há muitos séculos; uma cultura muito própria, fortemente individualizada, profundamente enraizada na memória colectiva e significativamente enriquecida de geração para geração; uma ausência de conflitos étnicos, linguísticos, religiosos ou de nacionalidade.

Há pouco mais de vinte e cinco anos, quando ainda não havia globalização, fomos dos primeiros a fazê-la, por antecipação, no audiovisual. A RTP Internacional acabou por ser, à sua maneira, uma espécie de afirmação do audiovisual global.

Hoje, um quarto de século volvido, temos de ambicionar ir muito mais longe. Seja em que área for, na economia ou na tecnologia, na banca ou no turismo, na agricultura ou na indústria, nas artes ou no cinema. Não podemos ter receio de arriscar, de inovar e de empreender. Medo, sim, existe, mas é de outra natureza – é o medo de parar ou estagnar. Mas esse não é próprio da nossa maneira de ser, de estar e de agir. O nosso ADN é outro e é bem diferente.

Obviamente, a generalidade das circunstâncias e incertezas envolventes à escala global não favorece a existência de uma atmosfera de confiança, que é indispensável para investir e empreender. Vivemos num mundo atípico e, de certo modo, em estado caótico.

O multilateralismo, grande conquista civilizacional das últimas décadas, está em crise séria, substituído amiúde por uma visão única e unilateral que tem tanto de preocupante em termos de ameaça à paz mundial, como de obsoleta e retrógrada em termos culturais e de civilização.

As instâncias internacionais informais de regulação, como o G7 ou o G20, perderam força, a ponto de hoje ser mais apropriado falar da emergência do fenómeno do G0.

A evolução tecnológica é, por um lado, um mundo imenso de oportunidades e de novos horizontes, mas comporta, por outro lado, invulgares níveis de risco, desde a perda de privacidade à insegurança pessoal e colectiva, passando pela perversa manipulação de dados.

O cada vez mais actual dossiê das mudanças climáticas é sério, não resulta de nenhuma invenção e é urgente enfrentá-lo com determinação. Basta pensar que, neste início de século, já tivemos pela frente os 17 anos mais quentes de sempre. A temperatura do planeta está mesmo a subir e a um ritmo inquietante.

As desigualdades sociais acentuam-se, um pouco por todo o lado. O reforço das assimetrias entre ricos e pobres há muito deixou de ser um problema de cada um para ser um dilema de todos. Afinal, as desigualdades sociais não causam, apenas, dramas individuais e perda de coesão colectiva. Elas são, também, um factor de insegurança que ameaça a paz mundial.

Ainda assim, e olhando para esta sucessão de factos e acontecimentos, parece que a globalização nos trouxe um sistema internacional onde só há riscos e exigências e nunca se fala de esperança.

Não penso assim. As novas exigências são um teste à nossa capacidade. Os novos riscos são um dado recente com o qual temos de conviver. Mas há, sobretudo, duas novas grandes esperanças que temos de saber potenciar. Primeiro, as nossas sociedades civis estão a fortalecer-se. Estão mais maduras, mais adultas, mais competitivas, mais abertas ao mundo, dotadas de maior sensibilidade e capacidade de intervenção. Depois, os jovens de hoje são a grande esperança do futuro. São mais cultos, mais receptivos, mais cosmopolitas, menos xenófobos, mais empreendedores e mais solidários.

É assim em Portugal. É assim um pouco por todo o mundo. E este é um capital de esperança que não devemos desperdiçar.

Um segundo ensinamento a recolher deste projecto tem a ver com a nossa credibilidade externa. Um dos pressupostos decisivos para sermos exteriormente um país credível assenta na capacidade de sermos internamente um país sustentável e economicamente competitivo. A RTP Internacional foi possível em grande medida porque Portugal, no final da década de oitenta e princípio da década de noventa do século passado, tinha crescimentos económicos significativos, convergindo solidamente com a União Europeia. Temos de voltar a esses resultados, terminando com os ciclos das